

VIA FRANCILINA: errâncias artístico=antropológicas*

Francilins Castilho Leal, AMU/França

francilins@gmail.com

Palavras-chave: Antropologia, Arte, Ecologia

Fodas.
esta é a lei.
estado de suspensão.
não é direcionado contra nada específico. não se trata de fuck you. talvez... fuck off.
na política presente futuro é fundamental. inovar
passos à côté, sair pela tangente. implosao. explosao
ser a contra-mola que resiste em cronos
jaguar
outros tempos. outras temporalidades
tai sabaki, capoeira
viajar com as correntes: deriva
dançar
água ar fogo terra éter tudo
deriva enquanto método sofisticado de navegação ecológica
sagrado profano
yin yang
natureza cultura Espírito
evolução
involução
Fodas.

Figura 1 = Francilins, Batismo do Fogo/Iniciação, Mato do Tição. Impressão fotográfica sobre papel metálico, 30X45cm; Coleção particular. Sobrecapa, In: Materializações Luminosas, Dissertação de Mestrado: Francilins, UFBA. Publicada também nas revistas National Geographic Brasil, Sagarana e Globo Rural.



* Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024);

Em seu artigo «O Artista como Etnógrafo», Hal Foster [4] faz analogias que destacam as semelhanças dos *modus operandi* que regem os dois campos, a antropologia e a arte. A publicação desse artigo gerou uma verdadeira revolução epistemológica, um novo paradigma nas artes: «Foi apenas recentemente que os artistas e críticos pós-coloniais abandonaram, na prática e na teoria, as estruturas binárias da alteridade para os modelos relacionais da diferença, os espaços-tempos descontínuos para as zonas de fronteiras mistas».

Esse movimento de dissolução das fronteiras entre as artes ocidentais e não ocidentais vem consolidar uma tendência valorizada, entre outros, pelos primitivistas, cubistas, arte bruta e arte povera. Essas novas perspectivas geram agora uma «Renascença Selvagem» das artes. A exposição «Magiciens de la Terre – Première exposition mondiale d’art contemporain» [6], que ocorreu no Centro Pompidou em 1989, constitui um ponto notável nessa evolução, onde seus curadores afirmam no comunicado de imprensa: «É de fato tempo de superar as categorias e as fronteiras geográficas que dividiram e perverteram as opiniões sobre as relações entre as diferentes culturas do mundo». Esta orientação contamina toda uma nova geração e é amplificada ao entrar em contato com o mundo extra-europeu. Hoje, nas grandes exposições de arte contemporânea, a inclusão de artistas indígenas e marginais é praticamente inevitável. Como exemplo fecundo desse tipo de produção mestiça, cito a série de vídeos «Flecha» [7], realizada sob a direção do ameríndio brasileiro Ailton Krenak, que participou da exposição «Cosmopolíticas» [8].

O etnólogo como artista também experimenta essa contra-contaminação, que ecoa toda uma tendência pós anos sessenta e setenta. Uma época em que a crítica ao pós-colonialismo/pós-modernismo se acentuou nas ciências humanas, especialmente na antropologia. Esse movimento provoca uma revisão das certezas estabelecidas e gera também toda uma onda de etnoficções. A título de exemplo, cito alguns filmes de Jean-Rouche, onde se pode observar uma experimentação de etnologia inversa: «Eu, um negro», «Jaguar» e, particularmente, «Petit à Petit» [9].



Figura 2 = Francilins, vi elas, monografia de conclusão de curso. Ciências Sociais/Antropologia. UFMG. 2007.



Figura 3 = Francilins, Limbo. 2013. Livro devolvido pelo sistema postal por “conteúdo proibido para envio

Em sintonia com essa tendência de cruzamento de disciplinas, realizei o trabalho «vi elas» [10]. Este é um ensaio etnofotográfico, que produzi em contato com o maior complexo de prostituição do Brasil: a Guaicurus. Apresentei esta obra como memória para obter minha

Figura 4 = Francilins, Cartaz da mostra Inframundo Tropical : Interações Artísticas. 2013.



Apoio:



HOTEL RUBY
HOTEL DIAMANTE

funarte

Ministério da
Cultura

BRASIL

Este projeto foi contemplado com o XIII Prêmio Funarte Marc Furtner de Fotografia 2013



Figura 5 = Francilins. Série Materializações Luminosas. Revelação Fotográfica. Sem Data.

graduação em Ciências Sociais. Desde então, todas as minhas produções se tornam um misto entre as artes contemporâneas e as ciências humanas e sociais. Em um contexto de marginalidade, criei toda uma série de produções ligadas às energias obscuras: o livro *Limbo* [11], as exposições individuais: «Umbral de las pasiones» [12] e «Inframundo Tropical» [13] e a instauração e direção do «Museu do Sexo Hilda Furacão» [14]. Estas duas últimas foram instalações site-specific nas casas de prostituição da Guaicurus, em Minas Gerais, Brasil.

Em 2015, conduzi a comunhão artística do «Cemitério do Peixe» [15], onde mais de 400 artistas se reuniram em uma vila dedicada às Almas, nos confins de Minas Gerais, Brasil. Lá, construímos uma obra de «land art» em pedra, que funciona como câmara escura e ateliê artístico.

A provocação de «situações sociais» através das artes está no centro das minhas propostas. Compartilho esse preceito com os situacionistas, um grupo de artistas que também sugerem a inseparabilidade entre a vida e a arte. Eles também atribuem um status artístico a ações simples, como as caminhadas. Os deslocamentos a pé servem de suporte de criação para diversas correntes como o dadaísmo e o land art, e podem até ser considerados como uma vertente da arte contemporânea.

Em 2015, parti do meu país natal para me estabelecer na França. Desde então, intensifiquei minhas pesquisas sobre minhas origens mestiças. Além disso, através das minhas criações artísticas, busco maneiras de modificar, reequilibrar e atualizar as relações entre a Europa, a África e a América de forma inovadora e benéfica para todos.

Transpor fronteiras, criar pontes, entrelaçar pessoas, terras, culturas e minimizar o impacto ecológico das minhas ações, são princípios fundamentais do



Figura 6 = Francilins, série A Fé Remove Montanhas. Extração mineral em fotografia argêntica. Livro Vai e Vem Minas. 2012.

meu trabalho pós-exílio. A caminhada e as relações entre humanos e não-humanos têm assumido uma parte cada vez mais importante nas minhas produções. A fotografia expandida, realizada com processos alquímicos ecologicamente responsáveis, representa uma grande parte das minhas experimentações artísticas atuais.

A história da miscigenação é por vezes bastante dolorosa, mas frequentemente revela muitos resultados positivos e frutíferos. Para encerrar esta seção, apresento um fragmento do texto de Gloria Andazuja [20], um belo exemplo de literatura mestiça, tanto em sua forma quanto em seu conteúdo:

Una lucha de fronteras/ A struggle of Borders
Because I, a mestiza,
Continually walk out of one culture
and into another,
because I am in all cultures at the same time,
alma entre dos mundos, tres, cuatro
me zumba la cabeza con lo contradictorio.
Estoy norteado por todas las voces que me hablan
Simultáneamente.



Figura 7 = Eustáquio Neves, Série Crispim. Fotografia. 35 Bienal Internacional de Sao Paulo (Foto: https://35.bienal.org.br/wp-content/uploads/sites/3/2023/06/fbsp227326_35bsp_231206_if_032-scaled.jpg . Também publicado na Revista Sagarana, número 35/2009.

*Claudia Andujar é a figura emblemática dessa proposição. Judia e sobrevivente do Holocausto, ela utiliza suas fotografias de grande impacto estético para compreender, representar e defender a cultura Yanomami. Sua série «Sonhos», apresentada na exposição «Uma Arqueologia do Encontro» [24], é uma excelente referência para representar um universo além do visível.

Outras fontes de referência introduzem a noção de ecologia profunda. Assim, de acordo com Arne Næss [25]: O ser humano não está no topo da hierarquia da vida, mas está inserido na ecossfera como uma parte integrante do todo. A essa noção podemos adicionar as ideias de Guatarri [26] sobre ecosofia: que é a relação da subjetividade com a exterioridade - social, animal, vegetal, cósmica. Um novo modelo prático e especulativo, uma ética-política e estética, que deve substituir as antigas formas de comprometimento (...) os indivíduos devem tornar-se solidários e, ao mesmo tempo, mais diversos. Além disso, pode-se acrescentar o conceito de perspectivismo, formulado pelo antropólogo Eduardo Viveiros de Castro [27]. Ele é construído a partir das cosmologias ameríndias, que concebem o mundo como habitado por diferentes espécies de pessoas, humanas e não humanas, que apreendem o mundo a partir de pontos de vista diferentes, em um multiculturalismo transcendental.

No seu livro «Walkscapes: A Marcha como Prática Estética» [39], Francesco Careri narra a história da caminhada como uma possibilidade artística. Ele nos lembra das caminhadas dadaístas, do nomadismo lúdico dos situacionistas, do minimalismo e do land art. Eu adiciono a essa lista os numerosos grupos de artistas e artesãos medievais que participaram de cruzadas, assim como os peripatéticos gregos. Podemos remontar a Luzia (12.000 AP), «a maior caminhante do mundo», que che-



Figura 8 = Claudia Andujar, Série Sonhos. Exposição uma arqueologia do Encontro. Palácio das Artes, MG. Forundoc.bh. Curadoria: Francilins. 2005.

gou a Lagoa Santa (Brasil) após seus ancestrais terem deixado a África muitas gerações antes. A exposição «Erre» [40], realizada no Centro Pompidou, revela os diversos caminhos já percorridos e aponta novas direções para a arte da caminhada.

Meu corpo é um catalisador fundamental que provoca interações ambientais e multiculturais. A fotografia (como escrita das energias, mesmo além do espectro visível) é um meio privilegiado para representar os encontros da «Via Francilina». Seguindo os princípios da simetria, proponho incorporar e misturar diferentes cosmologias, lugares, saberes.

Figura 8.8 = Francilins, Boitata. Fotografia.





Figura 9 = Manoel Francisco de Faria, Série Futebol. Acrílico sobre tela, 15x35cm, cada. Exposição Ebó. FAN – Festival de Arte Negra de Belo Horizonte. Curadoria de Artes Visuais: Francilins. 2012.



Figura 10 = Paulo Nazareth, ação Feijoada. Ocupação Dandara. Exposição Ebó. FAN – Festival de Arte Negra de Belo Horizonte. Curadoria de Artes Visuais: Francilins. 2012.

FAN - Festival de Arte Negra de Belo Horizonte, 2012. Curadoria de Artes Visuais: Francilins.

Nossa proposição também trazia um forte viés político, principalmente no tocante ao desrespeito às formas menos convencionais de pensar e representar o mundo tendo como mote a negritude. Da Bahia vieram Willyams Martins e Jayme Fyguira, acompanhado pelo professor Roaleno Costa, artistas que abalaram as estruturas da carola cosmologia mineira. Paulo Nazareth promoveu uma caminhada, terminando em uma “Feijoada”, que aconteceu na ocupação da comunidade Dandara. João Castilho, Bernardo Gouveia e Rodrigo Braga ocuparam estações de metrô com obras de grande formato. Estas últimas causaram inflamadas reações da população, o que gerou manifestações dos defensores dos “direitos dos animais”, inclusive reverberando em processos administrativos. Ressurgências da indignação da Tradicional família mineira frente às obras como Totem: Tiradentes, de Cildo Meireles, que queimou dez galinhas vivas,

Figura 11 = João Castilho, série Chão é Céu. Impressão fotográfica sobre toille, Metrô de Santa Teresa. 140x210CM, Exposição Ebó. FAN – Festival de Arte Negra de Belo Horizonte. Curadoria de Artes Visuais: Francilins. 2012.

Figura 12 = Rodrigo Braga, série Desejo Eremita e Hiato. Impressão fotográfica sobre Vinil, Metrô de 1º de Maio. Dimensões Variadas. Exposição Ebó. FAN – Festival de Arte Negra de Belo Horizonte. Curadoria de Artes Visuais: Francilins. 2012.





Figura 13 = Paulo Nazareth, Caminhada Santa Luzia - Dandara. Exposição Ebó. FAN - Festival de Arte Negra de Belo Horizonte. Curadoria de Artes Visuais: Francilins. 2012.



Figura 14 = Jayme Fyguira, situações/ações artísticas. Com Marcelo, no XOKXOK, Malletta, BH. Exposição Ebó. FAN - Festival de Arte Negra de Belo Horizonte. Curadoria de Artes Visuais: Francilins. 2012.

ou das Trouxas ensanguentadas de Arthur Barrio, que participaram da proposição de Moraes na década de 1970. Na lida de uma arte seminal, bruta e ferinamente política fazemos ecoar as palavras do organizador Do Corpo à Terra, Frederico de Moraes: (...) se a nossa civilização está apodrecida, voltemos à barbárie.(...) Trabalhamos com fogo, sangue, ossos, lama, terra ou lixo. O que fazemos são celebrações, ritos, rituais sacrificatórios. Nosso instrumento é o próprio corpo - contra os computadores. Usamos a cabeça - contra o coração. E as vísceras, se necessário. Nosso problema é ético - contra o onanismo estético". E acrescento: "Vanguarda não é atualização dos materiais, não é arte tecnológica. É um comportamento, um modo de encarar as coisas, os homens e os materiais, é uma atitude definida diante do mundo. É o precário como norma, a luta como processo de vida. Não estamos preocupados em concluir, em dar exemplos. Em fazer História - ismos". "O artista é sempre contra. Eu não acredito em artista que não seja marginal." afirmou o ferreiro Amilcar de Castro.

Figura 15 = Jayme Fyguira, Indumentárias. Saguão do Teatro Francisco Nunes. Exposição Ebó. FAN - Festival de Arte Negra de Belo Horizonte. Curadoria de Artes Visuais: Francilins. 2012.



JAYMEFYGURA

JaymeFygura é a maior potência que conheci em forma humana. Ser que se transformou em deidade, transcendendo a vida ordinária. Incorporou Exu sete facadas na totalidade da sua vida pública e, nos últimos 35 anos da sua vida carnal, não mostrava seu rosto em público.

O conheci no Bairro de Santo Antônio, ao lado da Ladeira do Carmo, em Salvador, onde ele tinha seu atelier e eu abordei e convidei para participar da nossa primeira incursão artística: o Festival de Arte Negra em Belo Horizonte. De lá até hoje nossos laços de amizade e irmandade cresceram e se fortaleceram. Considero incrível sua capacidade de utilizar múltiplos médiuns: poeta, cantor, escultor, pintor, performer... amalgamou vida e arte de uma maneira forte e esplendorosa.

Tive a honra de conviver com este grande guerreiro inframundo: fecundamos a Colômbia, viajamos em discos voadores e executamos importantes projetos culturais.

Sua saga cotidiana é eterna, quando sai de casa, tem que pegar o ônibus, escutando insultos de pessoas que não respeitam a sua forma de ser, o seu corpo negro, o seu rosto protegido, seu falo erigido. Este guerreiro do inframundo, lutando pelo direito à diferença, enfrentou as adversidades do meio artístico e penetrou nesse universo elitizado sem baixar a cabeça para “sociedade podre”.

Figura 16 = JaymeFygura e Francilins. Jayme Fygura. Livro biográfico. + CD de canções com a Banda The Farpa. 2015.



Esta entidade imensa deixou um legado incontornável para as artes e cultura brasileiras, sua potência criativa e sua combatividade habitual marcam nossa história.

Louvemos JaymeFygura!!!!!!!

Figura 17 = JaymeFygura, Folder do Site Specific Sarcófago. Salvador, 2012. Conexões Artes Visuais/FUNARTE. Curadoria e produção: Francilins.

nasci jaimé andrade almeida filho de cruz das almas
ba cheguei em salvador com cinco anos de idade
vivíamos bem minha mãe e meu pai eram analfabetos
mas todos dois de conceição do almeida interior da
bahia meu pai trabalhava na marinha mercante
coligada com a petrobras trabalhava nas maquinas
dos navios cargueiros quando ele chegava de viagem
trazia varias caixas grandes cheia de queijo suíço
vinho pães importados defumados castanha do pará
rum e outras delicias vivíamos muito bem até que um
certo dia meu pai que já está morto que deus o tenha
em bom lugar saímos do apartamento que morávamos
e com o dinheiro da indenização da marinha mercante
só deu para comprar uma casa na fazenda grade do
retiro e foi neste lugar que eu me criei foi neste lugar
que a miséria reinou em nosso lar com minha mãe
analfabeta e meus irmãos com pouca sabedoria minha
adolescência foi terrível minha maturidade também
entre a inveja e o despeito sobre tudo que eu fazia
tanto dentro de casa como nas ruas meu jeito de ser
chamava muita atenção da comunidade também
analfabeta da favela da fazenda grande do retiro só
que tinha uma coisa muito interessante eu vivia
criando coisas como brinquedos com latas com paus
com vários objetos que eu achava aí chegaram as
escolas onde eu tinha pavor e medo só sentava no
fundo da sala de aula para o professor não me ver
mas era fatal por mais que eu me escondesse eu
sempre era o alvo só dava merda nas matérias
matemática português ciência história geografia mas
só tinha uma única matéria que ninguém fazia melhor
do que eu desenho do desenho técnico ao desenho
artístico eu era o melhor na época só passava
arrastado todo ano com dez em desenho e dez em
comportamento o resto não quero nem falar daí então
fui servir o exército brasileiro durante dois longos
anos graças a deus consegui sair com honra ao
mérito e fui enfrentar a sociedade podre fui
imediatamente em direção as gráficas foi aí que eu
desenvolvi meu talento natural com meus desenhos
antes dos computadores chegarem eu mandava ver
comprei carro dinheiro no banco garotas danceterias
e muito rum até que chegou um politico corrupto com
seu plano econômico que fudeu com minha vida foi aí
que eu me retei rasguei paletós calças e a população
começou a me apedrejar me chamando de maluco
depois de anos de pedradas fui obrigado a trocar as
roupas rasgadas por roupas blindadas chegaram ao
ponto de segurarem meus braços e quebraram quatro
dentes encheram hematomas meu rosto que as
garotas amavam no terceiro dia após o crime passei a
usar a máscara de ferro completando assim a imagem
de exú sete facadas
estou lisonjeado pela premiação dada pelo governo
para restauração do meu humilde atelier que será
aberto ao público para que todos possam ver de perto
os ambientes onde desenvolvo tudo o que aprendi
neste meio século de trabalho como esculturas de
ferro gesso cimento madeira pinturas em acrílica
sobre tela panos decorativos e artes em computação
gráfica que lembra minha função do passado e mais a
instalação dentro do atelier e mais uma performace
musicada explosiva que faz parte do processo de
repudio ao sistema capitalista que me fez criar letras
musicais baseadas no meu relacionamento com a
comunidade das ruas sempre dormindo no caixão
porque houveram ameaças de morte contra mim
minha familia não tinha condições de comprar caixão
então uma funerária me cedeu um caixão novinho e
comecei a dormir nele aguardando a morte chegar
sentado sobre ele com minha guitarra dedilhado
minhas poesias em forma de rocknroll e ao mesmo
tempo criando meu ambiente de trabalho construindo
assim o sarcófago minha tumba

jaymefygura



Museu do sexo Hilda Furacão foi instaurado na zona boêmia de Belo Horizonte que tem seu eixo principal localizado entre a estação ferroviária e rodoviária da Capital Mineira mas de 20 prédios funcionam como casos de prostituição nesta região formando o maior complexo de prostituição das Américas. pois mais de 15 anos trabalhando na região onde realizei grande parte dos meus trabalhos artísticos culturais antropológicos que resultaram em diversas Exposições livros Prêmios também um site específico que já havia sido instaurado no hotel diamante dedicado exclusivamente a travestis femininas naquela época. esse trabalho aconteceu no momento de grande conturbação da macropolítica brasileira o projeto tinha sido aprovado para financiamento veio uma lei municipal de incentivo à cultura e também através de um edital da Funarte ligado ao ministério da cultura do Brasil. Os princípios de 2015 houve a deposição da um presidente Dilma Rousseff e o primeiro ato do presidente interino Michel Temer foi dissolver alguns Ministérios entre ele o ministério da cultura. com todas as ações suspensas tivemos que executar o projeto apenas com parte dos recursos que veriam da Municipalidade. a classe artística se mobilizou que aconteceu a ocupação da sede da Funarte em Belo Horizonte e a primeira ação do Museu do sexo foi realizar uma ocupação da sede do IFAM com a obra consciência que sucedeu uma série de ações artísticas no centro da Capital Mineira no centro da Juventude nas praças e claro dentro das zonas de prostituição. restauramos assim o museu de percurso que que ligava pontos chave Da cidade num grande turbilhão energético estava instaurado o primeiro Museu do gênero no Brasil o museu do sexo Hilda Furacão. Projeto contou com uma residência de artistas que aconteceu dentro dos lopa-

Figura 18 = Museu do Sexo Hilda Furacão. Cartaz. Instauração. Coordenação: Francilins. 2016.

MUSEU DO SEXO HILDA FURACÃO



zonas culturais

- Estação Ferroviária - Margem
- MUSEU DO SEXO - IFAM
- MUSEU DO SEXO - Instituto de Arte Urbana
- Sede do Museu de Arte - Shopping LAM
- Centro de Referência de Arte - OCU

zonas culturais

- MUSEU DO SEXO - Hotel Status
- Hotel Privé
- Hotel Nova América
- Hotel Requisite
- Hotel Magnifico
- Hotel Montanhês
- Hotel Nova América
- Hotel Ruby
- Hotel Stylus

Museu do Sexo - Hilda Furacão
Museuzona em funcionamento no Centro de Belo Horizonte, Minas Gerais - Brasil

www.museudosexohildafuracao.wordpress.com

Apoio:

FUNDACÃO DOIMO
SHOPPING
DOIMO

Hotel Privé
Hotel Requisite
Hotel Ruby
Hotel Stylus

Hotel GMatos
Hotel Magnifico
Hotel Montanhês
Hotel Nova América

Patrocínio:

SECRETARIA DE CULTURA
PREFEITURA DE BELO HORIZONTE
BDMG CULTURAL
BDMG
MINAS GERAIS
una

Realizado com recursos da Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte



Figura 19 = Francilins. COMCIENCIA. Arte concreta. Tijolos. 2,5x12 m. Ocupação no pátio do IPHAN-MG. Museu do Sexo Hilda Furacao. Instalação. Coordenação: Francilins. 2016.



Figura 20 = Francilins. Foda-se sobre dinheiro. Ação. Museu do Sexo Hilda Furacao. Exposição Conexão Colômbia. El Parche. Bogotá. Coordenação: Francilins. 2016.

nares vários produtores culturais convergiram do Brasil inteiro e conviveram durante mais de um mês dentro desse ambiente carregado de energias da sexualidade dentro do cotidiano da venda de sexo. a interação entre os diversos atores envolvidos prostitutas clientes donos de hotel porteiro toda a população Marginal que transita por essa região provocou a erupção de trabalhos que marcaram. Nos desenrolar dos trabalhos o ministério da cultura foi restabelecido parte dos recursos destinados foram liberados para a execução do projeto porém eles estavam vinculados a uma pessoa jurídica que Associação das prostitutas que resolveu se apropriar e executar a proposta de maneira independente. o projeto original foi respeitado e tivemos duas ações consecutivas chamadas Museu do sexo no complexo de prostituição da Guaicurus. Além da residência artística já citada realizamos diversas intervenções urbanas durante a virada LGBT da capital da cidade durante a virada cultural além de Exposições no centro da Juventude e no Museu da Moda de Belo Horizonte. contamos também com mostras no Shopping UAI onde Recebemos a dupla de curadores Maria Eugênia Cordeiro e Santiago rueda com uma amostra internacional ligada à sexualidade. na sequência também tivemos oportunidade de levar um recorte das obras apresentadas na Capital Mineira no intercâmbio internacional que aconteceu no centro cultural é o parte em Bogotá Colômbia. Esses projetos reverberaram de maneira importante na Cultura e na política local e Nacional e é um Marco histórico na associação entre sexualidade marginalidade e arte contemporânea.

Figura 21 = André Araújo. Pinturas. Acrílica Sobre tela. Dimensões Variáveis. Magnífico Hotel. Museu do Sexo Hilda Furacão. Instalação. Coordenação: Francilins. 2016.

Figura 22 = Exposição Gozemos, Museu da Moda, BH. Obras em primeiro plano: Simone Carvalho. Museu do Sexo Hilda Furacão. Instalação. Coordenação: Francilins. 2016.





Figura 23 = Cemitério do Peixe. Comunhão Artística : Arte Morte, Magia. Cartaz. Exposições, residência, vivências. 2015. Coordenação : Francilins.

Figuras 24, 25, 26 = Francilins. Construção multifuncional de convergência e observação energética. Câmera escura e fotográfica. Instalação. Cemitério do Peixe. Minas Gerais, Brasil. 2015 +





Figura 27 = Francilins. Iauarepexe. 2019. Fotografia impressa em pigmentos minerais. Exposição Cosmopolíticas. Curadoria: João Castilho e Pedro David. Festival Foto em Pauta 2022.

PEIXE

O peixe é um Vilarejo dedicado às Almas incrustado no dorso da Serra do Espinhaço, na região de Diamantina, em Minas Gerais, Brasil.

Um despovoado com mais de 200 casebres, onde apenas três habitações são ocupadas de maneira perene. Lá acontece um Jubileu religioso em devoção às Almas e São Miguel, que congrega milhares de pessoas no mês de agosto.

Uma região histórica de garimpo de preciosidades hoje está no município de Conceição do Mato Dentro; onde foi instalado o maior “pipeline” do mundo para transportar nossas riquezas para além mar.

Realizei diversas reportagens sobre o complexo do Cemitério do Peixe e no ano de 2015, pilotei um encontro cultural com as máximas “Arte, Morte, Magia”. Neste mesmo ano instalamos a câmera de pedra que fotografa, funciona como observatório astronômico, atelier e muitas coisas mais. Centro de convergência energética único.

Ponto nodal da Via Francilina.



Figura 28 = Francilins. Via Francilina. Ações expositivas transitórias. Luma Arles. 2023.
Figura 29 = Francilins. Via Francilina. Ações expositivas transitórias. Festival de Fotografia de Arles. 2023.
Figura 30 = Francilins. Ação BRArricade. Via Francilina. Printemps du Durable. Aix-Marseille Université 2024.

VIA FRANCILINA

A «Via Francilina» é um caminho artístico entre a França e o Brasil, passando também por outros países europeus e africanos. A «Via Francilina» visa reativar e atualizar fluxos triangulares seculares, de maneira vantajosa para todos os envolvidos, através da arte. O caminho é feito na superfície do planeta, principalmente a pé, provocando encontros que serão representados em uma obra artística original. Os saberes ocidentais e cosmologias não-ocidentais serão incorporados de maneira simétrica e respeitosa, para a criação de um trabalho onde a mestiçagem está presente em seu espírito e forma. Desde sempre o homem está se deslocando pelo globo e se misturando com outras populações. No final do século XV, o mundo conheceu tantas mudanças radicais nas relações e a troca de fauna, flora, microorganismos, deuses e cosmologias foram catalisadas pelas correntes marítimas e eólicas. No coração desse cataclismo, o Brasil foi criado e seu povo tornou-se uma espécie de ideal-tipo de mestiço. Este projeto visa realizar um caminho intuitivo em direção às minhas origens, buscando minhas raízes europeias, africanas e ameríndias. Humanas, vegetais, espirituais, cósmicas.

Francili-e-ns

Após estudos históricos, etnográficos, iconográficos, literários, cartográficos, geopolíticos e artísticos, parto em uma viagem física. Largar as amarras e lançar-me em direção às minhas origens mestiças, em uma peregrinação à deriva.



Figura 31 = Francilins. Via Francilina. Ações expositivas transitórias/situações. Fest Photo Arles. 2023.
Figura 32 = Francilins. Via Francilina. Ações de balizagem. Encruzilhada. Belo Horizonte, MG, Brasil. 2023.
Figura 33 = Francilins. Errances. Via Francilina. Brasil, Europa, África, Américas. 1978 –

PèlerinArt

«Para conhecer uma coisa, não é suficiente conhecer seu nome ou ter uma ciência sobre ela: é preciso se envolver» (autor desconhecido).

Em seu livro «Éloge de la marche», David Le Breton descreve poeticamente a caminhada como uma abertura para o mundo. «Caminhar é viver pelo corpo... a faculdade humana de dar sentido ao mundo, de se mover nele compreendendo-o e compartilhando-o com os outros nasceu da postura ereta humana há milhões de anos.» Os peripatéticos usam o deslocamento para aprender sobre o mundo, o caminho pode ser também percebido como uma atividade artística, como propõem vários artistas como Richard Long, Hamish Fulton, Jayme Fygora, Paulo Nazareth, entre outros.

Barroco Mulato

Propomos usar múltiplas fórmulas de mestiçagem para viver, apreender e representar o mundo. No livro «Métissages, de Archimbold à Zombi», Alexis Nouss e François Laplantine dão pistas para a receita: um percurso mestiço... É um percurso que avança girando, envolvendo, desenvolvendo, desdobrando e, sobretudo, deslocando as literaturas, as músicas, as culinárias, as línguas... Eu acrescento: canibalizando-as, misturando-as e criando algo novo... Uma criouliização da experiência, seguindo Édouard Glissant, que relata a perspectiva de Alejo Carpentier: «Nós, caribenhos, escrevemos em quatro ou cinco línguas diferentes, mas temos o mesmo idioma. A arte do contador de histórias crioulo é feita de derivações e, ao mesmo tempo, de acumulações, com o lado barroco de frase e período, distorções do discurso onde o que é inserido funciona como uma respiração natural, essa circularidade do relato e essa incansável repetição do motivo».



Figura 34 = Francilins. Via Francilina. Photographie à l'imparfait. Fotografia contínua. Marseille + Montpellier. Revelações à base de ervas. 2022.

Só a Antropofagia nos une.
Socialmente. Economicamente. Filosoficamente.
Única lei do mundo.⁹



Figura 35 = Francilins. Circuito. Fotografia relacional sobre filme RX argentine. Cabaça. Ervas. CUBE, Aix-Marseille Université. 2023

A vida é a arte do encontro, embora haja tanto desencontro pela vida.¹

Figura 36 = Francilins. Laboratório fotográfico ecológi.co. Experimentações alquímicas





Figura 37 = Francilins. Via Francilina. Marcha Montpellier - Aix-en-Provence. Chegada à cidade de Paul Cézanne. 2022

Figura 38 = Francilins. Via Francilina. BRarricade. Ocupação artística. Aix-Marseille Université. Printemps Durable. 2024.

O futuro é ancestral.

Ailton Krenak



Figura 39 = Francilins. Via Francilina. Errances. Languedoc. Vias ancestrais. 2024, 23, 22 ...

Jamais fomos catequizados,
fizemos foi carnaval. 15

Figura 40 = Francilins. Exposição Via Francilina. CUBE. 10 anos da Maison de la Recherche. Aix-Marseille Université. 2023.



BIBLIOGRAFIA CITADA

- [4] FOSTER, Hal. The Artist as Ethnographer, in *The Return of the Real. The avant-garde at the end of the century*. Cambridge: MIT Press, 1996, p. 171-204. Selon la traduction française qui est reproduite dans le catalogue d'exposition dirigé par Okwui ENWEZOR, *Intense proximité. Une anthologie du proche et du lointain*. Paris : Centre national des arts plastiques, p. 346-360. 2012.
- [6] Centre Pompidou-Metz. *Magiciens de la Terre* (exposition). MARTIN, Jean-Hubert (commissaire) 1989.
- [7] KRENAK, Ailton e Anna Dantes. *Flecha I, II, III, IV, V, VI et VII*. Films. 2021. <http://selvagemiciclo.com.br/flecha/>
- [8] CASTILHO, João & Pedro David (commissariat). *Cosmopolíticas*. Exposition. Festival de Fotografia de Tiradentes, Camera Sete, Belo Horizonte. 2022.
- [9] ROUCH, Jean. *Peti à petit*. Film. 96 min. Les Films de la Pléiade. France-Niger. 1971.
- [10] FRANCILINS. *Vi elas. Mémoire de fin d'étude (License)*. Universidade Federal de Minas Gerais, Brésil, 2007.
- [11] _____. *Limbo*. São Paulo. 2013.
- [12] _____. *Umbral de la Passiones* (exposition). Centre Municipal de Fotografia. Montevideo. 2013.
- [13] _____. *Inframundo Tropical* (exposition). Site specif installé au Hotel Diamante, Belo Horizonte. 2014.
- [14] _____ (commissaire). *Museu do Sexo Hilda Furacão*, Belo horizonte. 2016
- [15] _____ (commissaire). *Cemitério do Peixe* (exposition et colloque). Brésil, 2015.
- [16] _____ (commissaire). *EBÓ : oferendas artísticas* (exposition). Festival d'art Noir, Belo Horizonte. 2012.
- [17] _____ & JaymeFygrura. *JAYMEFYGURA*, édition de l'auteur.Salvador. 2015.
- [18] _____. *Materializações Luminosas. Dissertação de mestrado*. Universidade Federal da Bahia (EBA), Brasil, 2015. http://www.ppgav.eba.ufba.br/sites/ppgav.eba.ufba.br/files/2015_-_francilins_castilho_leal_1.pdf
- [19] _____. *Boitata* (Marseille – Montpellier). Photographie. 2022. Disponible sur : <https://www.youtube.com/watch?v=Sy-U6pwTq1c>
- [20] ANZALDÚA, Gloria. *Borderlands /La Frontera: New mestiza*. Aunt Lute Books. 1987. San Francisco.
- [1] e [9] ANDRADE, Oswald de. *Manifesto antropófago*. *Revista de Antropologia*, São Paulo, 1928.
- [24] ANDUJAR, Claudia. *Arqueologia do encontro*. Exposition. Commissariat : Francilins. Palácio das Artes, Belo Horizonte, Brasil, 2005.
- [25] *Écologie profonde*. (2022, août 8). Wikipédia, l'encyclopédie libre. Page consultée le 07:07, août 8, 2022 à partir de http://fr.wikipedia.org/w/index.php?title=%C3%89cologie_profonde&oldid=195944743.
- [26] GUATARI, Félix. *Les Trois écologies*. Galilée, Paris 1989. Collection L'Espace Critique.
- [27] VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *L'inconstance de l'âme sauvage*. Catholiques et cannibales dans le Brésil du XVIème siècle, Genève, Labor et Fides, 2020.
- [29] LAPLANTINE, François et Alexis Nouss. *Métissages - de Archimbold à Zombi*. Pauvert, 2001.
- [39] CARERI Francesco, traduction : Jérôme Orsoni. *Walkscapes La marche comme pratique esthétique*. Éditions Jacqueline Chambon. 2013.
- [40] Centre Pompidou-Metz. *Erre : variations labyrinthiques*. Catalogue de l'exposition. Centre Pompidou Metz, 2011.

